

A marquesa chegou às cinco horas

Leda Tenório da Motta*

O professor é só o melhor aluno da classe. Como boa aluna no processo de seleção do Rumos Literatura 2007-2008 aprendi algumas coisas.

Ao contrário do que eu esperava, em sua grande maioria, tanto os candidatos em Produção Literária quanto os candidatos em Crítica Literária mostraram que estão em dia com certas crises, mal-estares e mutações do presente, e com suas conseqüências para a esfera das letras, que souberam considerar de forma não mecânica. Diria que os *aprendizes de feiticheiro* do Rumos, que também por seus recortes de conteúdos chamaram a atenção da comissão, revelaram-se atentos a muitas das questões de sociedade que hoje enfrentamos. Mostraram assim que sabem que a literatura é feita de matéria viva.

De fato, nas melhores propostas, o repertório de assuntos englobou questões tão relevantes quanto todas as seguintes: o declínio da importância do livro no espaço do jornal, sob a pressão da indústria do entretenimento; a injeção do mercado livreiro e o recuo da boa literatura diante do *main stream* editorial, a que se curvam as redações e os segundos cadernos, e inseparavelmente disso, a redução do comentário crítico à recensão de obras e à glosa; a ocupação do lugar assim deixado pelas revistas eletrônicas, que florescem espetacularmente, a nossos olhos, e muitas vezes com grande qualidade; o advento da *e-poetry*, freqüentemente levada em conta nas intenções de mapeamento da literatura brasileira atual apresentadas; a dimensão virtual, hipertextual e imersiva da prosa crítica que se produz hoje, em regime de auto-edição, na rede mundial de computadores, a exemplo do que acontece no instigante site Overmundo, um caso de figura proposto e selecionado; a passagem das escrituras confidenciais para os blogs; a questão das muitas culturas que se cruzam no país, fazendo mosaico, e a tematização de uma não-identidade nacional, que vem substituir, muito oportunamente, o discurso teleológico dominante da "formação"; e até mesmo as querelas entre as correntes críticas, que continuam existindo entre nós e resvalando para o terreno pessoal, como notou um dos candidatos.

Nesse quesito do universo temático, mencione-se como ponto menos positivo certa insistência dos rumeiros na questão das bordas sociais – o negro, o marginal, o homossexual, a mulher, a violência urbana –, tanto ou quanto exaurida pela onda do *pós-moderno* e, além disso, banalizada pelos *cultural studies*. Mas ressalve-se que foge a esse clima da *idéia feita* a proposta de um dos candidatos – de resto aprovada – no sentido de recepcionar a narrativa, esta sim, surpreendente, do ex-detento Luiz Alberto Mendes.

Quanto às questões de forma, elas envolveram com freqüência inquietante a crise do narrador e conceitos como o de intertextualidade e hibridização, o que parece revelar que esses recursos também vão se tornando clichês e que os candidatos a críticos tendem a abraçar o clichê. Nada a ver com os narradores cindidos de um Milton Hatoum, não por acaso envolvido em três projetos finalistas, nem com a mistura de linguagem verbal e quadrinhos de Lourenço Mutarelli, nem com o rap e o repente de Marcelino Freire, dois outros que tiveram estudos sobre seus belos textos *intertextuais* contemplados.

A recorrência de certos nomes respeitáveis – Milton Hatoum, Hilda Hilst, Caio Fernando Abreu – me pareceu mostrar que os grandes autores acabam se tornando inevitáveis e passam a pautar a crítica, em vez de ser pautados por ela. Mas, levando-se em conta, por outro lado, o silêncio que pesou sobre o nome respeitabilíssimo de Augusto de Campos, fica também no ar a impressão de que continua em vigência a velha aversão pelo concretismo, em que pese a tietagem que lhe dirigem os *culturetes*. Inscrevo aqui esta nota de perplexidade: essa desconsideração de uma poesia refinada e totalmente pertinente aos decênios de 1980 e 1990 selecionados pelo Rumos, já que a obra de Augusto se reinventou recentemente no computador, com tão maior felicidade quanto o diferencial, nesse caso, não é a máquina mas o poeta. E acrescento que causa também estranheza que tenha sido ignorada até mesmo por aqueles que pretendem dedicar-se à poesia digital, e que citam a propósito um infopoeta talentoso como André Vallias, aparentemente, sem saber que o mestre de Vallias, aliás confesso, é Augusto.

Já a pequena mas ainda assim sujeita a comentários quantidade de proposições em torno da MPB – havia uma sobre o tempo e o espaço na música de Chico Buarque de Holanda, por exemplo – aumentou minha dúvida cruel sobre se podemos ou não podemos tomar Caetano Veloso por legítimo poeta, ou pôr Chico Science no cânone... Para uns, sim. O que já não podemos, nesta altura dos acontecimentos, segundo esses, é continuar nos aferrando à medição dos graus de dignidade da arte, como se ainda tivéssemos definições seguras do Belo e da Arte, com maiúsculas. Para outros, não. Afinal, as letras de música só falam de amor e de coração, quando os verdadeiros poetas têm muito mais repertório e vão muito mais longe, sem falar que Chico refere-se a Noel, ao passo que um poeta se refere à poesia...

Eu termino este balanço fazendo o orientador e enviando duas mensagens aos rumeiros e uma ao Itaú Cultural.

Aos futuros críticos sugiro, em primeiro lugar, que atentem para o fato de que os laboratórios da criação são naturalmente celeiros da crítica, que não há ninguém melhor do que os escritores e os poetas para entenderem de seu *negócio*, a literatura, e que, nesse sentido, é principalmente lendo a grande literatura que eles descobrirão... o que é a literatura. Em segundo lugar, que parem para pensar na possibilidade de que revolucionário, hoje, talvez seja escrever sonetos perfeitos e romances com começo, meio e fim, do tipo "A marquesa chegou às cinco horas", contra o qual clamava Breton no seu primeiro manifesto surrealista, e que as vanguardas, não só surrealistas, tanto detrataram. Que se flerte – enfim – com a idéia subversiva de que ser de vanguarda hoje talvez seja não ser de vanguarda!

Ao Itaú Cultural sugiro que, em 2008, pense em sugerir alguns temas livres em vez de periodizações aos candidatos. Fico pensando em como seria interessante, por exemplo, uma bateria de boas pesquisas sobre as antecipações da rede pela cultura do livro, como as temos nas travessias de OuLiPo, ou sobre a transfiguração da crítica em escritura ou em literatura pura e simples, deslocamento que faz de um crítico como Roland Barthes, por exemplo, um dos mais sérios candidatos aos manuais de literatura não apenas francesa mas universal do século XX, sem que ele jamais tenha feito o que chamávamos, até pouco tempo, de obra de criação.

* **Leda Tenório da Motta** é professora na PUC/SP, tradutora e crítica literária. Tem inúmeros ensaios publicados em revistas estrangeiras e atuação nos principais cadernos de cultura do país. É autora de *Sobre a Crítica Literária Brasileira no Último Meio Século*.